

MENOS MISÉRIA

Pesquisa da Fundação Getúlio Vargas revela que o número de miseráveis no país caiu de 42,034 milhões em 2005 para 36,154 milhões em 2006, uma redução de 14%. ECONOMIA B4

FGV // População abaixo da linha da pobreza diminuiu para 14%. É a menor marca desde 1992, quando começou a ser feita a pesquisa

Mais de 5 milhões deixam miséria

Rio — De um ano para o outro, 5,88 milhões de brasileiros cruzaram a fronteira da miséria — o que corresponde a uma queda de 14% no número de miseráveis no país — eles representavam 19,3% da população em 2006, segundo a FGV (Fundação Getúlio Vargas). É a menor marca desde 1992 (35,2%), quando teve início a pesquisa sobre o tema feita pelo Centro de Políticas Sociais da FGV, que utiliza dados básicos da Pnad (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) do IBGE. Em 2005, o percentual era de 22,8%.

Foram contabilizados 36,15 milhões de pessoas em condições miseráveis — pela FGV, aquelas cujo rendimento per capita do domicílio onde vivem é inferior a R\$ 125.

Pelos dados da Pnad compilados pela FGV, a desigualdade manteve sua trajetória de queda expressiva iniciada em 2002. O índice de Gini da renda per capita dos domicílios baixou de 0,5680 em 2005 para 0,5620 em 2006 pelo fato de os mais pobres terem maiores ganhos de renda. O rendimento dos 10% mais ricos cresceu 7,9% no ano pas-

sado, enquanto o dos 50% da base da pirâmide aumentou 12%.

“Diferentemente da China e da Índia, a desigualdade do Brasil está caindo em grande parte por causa do nosso “crescimento chinês” da renda (9,2% em 2006). Há no país uma rede de proteção social. O Brasil era o segundo país mais desigual do mundo. Agora, é o 12º”, afirmou Marcelo Neri, diretor da FGV. Um dos fatores mais importantes para a expansão do rendimento, diz ele, é a forte geração de postos de trabalho — 8,7 milhões de 2003

a 2006 - e o aquecimento da economia. Cerca de 75% da renda total das famílias vem do trabalho.

Social - Dentro do Brasil, porém, a desigualdade persiste. A proporção de miseráveis caiu com mais intensidade de 2005 para 2006 em Mato Grosso do Sul (29,6%), em Santa Catarina (26,2%) e no Paraná (24,9%). Maranhão e Alagoas registraram as menores variações negativas - 9,7% e 11,3%, respectivamente. Os dois estados nordestinos se mantiveram com os maiores contingentes de miserá-

veis do país - 44,4% e 44,2%, respectivamente, da população em 2006. Nas principais metrópoles, a miséria caiu de 16,2% da população em 2005 para 14,1% em 2006. Já nas áreas rurais, baixou de 45,7% para 41%.

Para Neri, as transferências de renda de programas sociais e o reajuste real do salário mínimo em 2006 explicam a queda da miséria. Segundo ele, a pobreza se reduz "em saltos" no país, e oscila historicamente para baixo em anos de eleição.

A FGV comparou o contingente de miseráveis nos anos FHC e Lula. No

primeiro governo tucano, ela caiu 23%. No segundo mandato, baixou apenas 1,7%. Sob o governo do PT, a queda foi de 27,7%. Marcelo Neri, disse que o país vive desde meados dos anos 90 com a estabilidade do real, uma tendência histórica de redução da pobreza. "Eles (Lula e FHC) são parte do mesmo processo histórico. FHC estabilizou a economia, universalizou a educação, começou a trilhar os programas focalizados de combate à pobreza. O governo Lula deu continuidade, levou os programas sociais a níveis maiores", disse.